

Os territórios do futebol e o debate educacional

Julia Beatriz Silva Vicente Chaves¹

Resumo:

Este estudo realiza a compreensão sobre a relação gênero e futebol e os efeitos para a educação através da interlocução com o espaço museal. Diante disso, apresenta-se como objetivo compreender a utilização do futebol como instrumento educacional para promover uma educação antirracista através do Museu do Futebol. Para isso, analisa-se os marcadores de diferença de gênero, de raça e de classe no espaço do futebol brasileiro por meio das construções imagéticas e de memória presente nas exposições virtuais do Museu do Futebol (SP). Assim, perpassa-se sobre a formação de "cistemas", de Fatuma (2023), diante da influência sobre representações culturais atuais e afetando a estrutura esportiva e educacional. Do mesmo modo, transcorre-se sobre as representações simbólicas ocidentais de Maldonado-Torres (2023), a concepção de racismo de Grosfoguel (2023, p. 30) e o de mulheres enquanto classe social de Wittig (2022). Portanto, busca-se concluir sobre as possíveis determinações na sociedade brasileira mediante o reflexo dos aspectos de raça, gênero e classe sobre a educação.

Palavras-chave: Gênero. Futebol. Museu do Futebol. Educacional.

The territories of football and the Black woman: an educational debate

Abstract: This study aims to understand the relationship between gender and football and its effects on education through the dialogue with the museum space. Therefore, the objective is to understand the use of football as an educational tool to promote anti-racist education through the Football Museum. To achieve this, we analyze the markers of gender, race, and class differences in the Brazilian football space through the imagetic constructions and memory present in the virtual exhibitions of the Football Museum (SP). Thus, we discuss the formation of "cistemas" according to Fatuma (2023), considering their influence on current cultural representations and their impact on the sports and educational structure. Likewise, we explore the symbolic Western representations of Maldonado-Torres (2023), the conception of racism by Grosfoguel (2023, p. 30), and the idea of women as a social class by Wittig (2022). Therefore, the aim is to conclude on the possible determinations in Brazilian society, reflecting the aspects of race, gender, and class on education.

Keywords: Gender. Football. Football Museum. Educational.

¹ Mestranda em História no Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Sergipe, Licenciada em História (UFS). E-mail: juliabsvchaves@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-1530-4229>.

Los territorios del fútbol y la mujer negra: un debate educativo

Resumen: Este estudio realiza la comprensión sobre la relación entre género y fútbol y sus efectos en la educación a través de la interlocución con el espacio museístico. Por lo tanto, se presenta como objetivo comprender el uso del fútbol como herramienta educativa para promover una educación antirracista a través del Museo del Fútbol. Para ello, se analizan los marcadores de diferencia de género, raza y clase en el espacio del fútbol brasileño a través de las construcciones imagéticas y la memoria presentes en las exposiciones virtuales del Museo del Fútbol (SP). Así, se aborda la formación de "cistemas" según Fatuma (2023), considerando su influencia en las representaciones culturales actuales y su impacto en la estructura deportiva y educativa. De igual manera, se examinan las representaciones simbólicas occidentales de Maldonado-Torres (2023), la concepción del racismo según Grosfoguel (2023, p. 30), y la idea de las mujeres como clase social según Wittig (2022). Por lo tanto, se busca concluir sobre las posibles determinaciones en la sociedad brasileña mediante el reflejo de los aspectos de raza, género y clase en la educación.

Palabras clave: Género. Fútbol. Museo del Fútbol. Educacional.

1 Introdução

As sociedades contemporâneas são profundamente marcadas por estruturas de poder que influenciam e moldam as relações humanas, em torno de verdades próprias regulamentadas pelo poder (FOUCAULT, 2012). Essas estruturas, ancoradas em categorias como gênero, raça e classe, são responsáveis por perpetuar desigualdades e estigmas que têm raízes históricas continuadas no tempo presente. De acordo com Maldonado-Torres (2023), existem padrões sociais submetidos a uma ordem colonial que respondem ao tempo e ao espaço resultantes do processo de colonização e a uma lógica simbólica dominante. Pode-se entender que grupos dissidentes não estão nem ao centro, nem à margem da sociedade, porque a sociedade branca heteronormativa limita sua existência às suas ausências (OLIVEIRA, 2020). Nesse contexto, a educação desponta como um elemento central, não apenas como um processo de transmissão de conhecimento, mas como um instrumento de transformação social da conjuntura atual.

Assim, visualiza-se a possibilidade da articulação entre educação e esporte, em que se implementa um fenômeno de alcance cultural e social, permitindo um antro de reflexão sobre processos de mudanças e de emancipação. Isto posto, o esporte, em suas múltiplas formas, reflete as dinâmicas sociais mais amplas, funcionando tanto como um microcosmo das desigualdades existentes quanto como um espaço potencial para a resistência e a subversão dessas mesmas desigualdades. No Brasil pré-invasão europeia, pode-se afirmar que a sociedade vivia sob tradições e costumes que conviviam com a pluralidade de identidades e de sexualidades (TESTONI, 2019), logo, a alteração dessa perspectiva sob a imposição dos ideais eurocêtricos instaura uma reformulação no território.

Continuamente ao processo de interiorização, consolidação e perpetuação de regimentos sociais europeus, configurados sob a visão branca, patriarcal e sexista, figura-se sobre o Brasil, uma história do esporte que está entrelaçada com questões de gênero, raça e classe, evidenciando como essas categorias têm sido utilizadas para excluir e marginalizar certos grupos. O Decreto-Lei 3.199, de 1941, que limitava a participação das mulheres no esporte, e a Lei do Amadorismo, de 1917, que veladamente proibia a participação de negros no futebol, são exemplos de como o esporte foi utilizado como ferramenta de controle social subjugados as estruturas do poder.

No entanto, como destaca Paulo Freire (2021), a educação é uma forma de intervenção no mundo, capaz de tanto produzir quanto de desafiar as ideologias dominantes. Nesse sentido, a intersecção entre educação e esporte não deve ser vista apenas como uma via de perpetuação das desigualdades, mas como uma oportunidade de promover uma conscientização crítica e de fomentar práticas inclusivas. Ao reconhecer que o esporte pode ser um espaço de formação de cidadania, torna-se possível imaginar um futuro onde ele seja um agente ativo na promoção da justiça social por meio do movimento em torno da Educação Antirracista.

Para isso, observa-se os museus que têm sido vistos como instituições dedicadas à preservação da cultura e da memória, muitas vezes reforçando narrativas eurocêntricas e elitistas (VÈRGES, 2023). No entanto, na contemporaneidade, especialmente sob a influência das críticas pós-modernas, muitos museus têm se reconfigurado, assumindo um papel mais ativo na promoção de debates sociais e na educação para a diversidade. O Museu do Futebol, em São Paulo, é um exemplo dessa transformação. Inaugurado em 2008 e reformulado em 2024, o museu adotou uma missão explícita de promover uma educação inclusiva, antirracista, utilizando o futebol como uma lente através da qual se podem examinar as complexas relações entre identidade, cultura e poder no Brasil.

Este movimento de reconfiguração dos museus não é apenas uma atualização estética ou programática, mas de uma mudança profunda na forma como esses espaços interagem com o público e com as narrativas históricas que eles apresentam. Ao destacar questões de gênero, raça e classe, seja em ambiente físico ou online, o Museu do Futebol desafia as representações tradicionais do esporte. Mais do que isso, o museu se posiciona como um espaço de resistência e de transformação, onde as histórias silenciadas podem ser ouvidas e as vozes marginalizadas podem ganhar visibilidade, notoriamente, compreendendo a necessidade de entender limitações ainda presentes no espaço museal em questão.

Dentro desse contexto, a relação entre futebol, museu e educação adquire uma nova dimensão trabalhada neste estudo. Logo, se tratando da intersecção entre o esporte, enquanto fenômeno cultural e identitário, e o museu, enquanto repositório de memórias e divulgador de conhecimentos. Assim, estabelece-se a tríade entre educação, futebol e museu, elencando uma dinâmica de contribuição para a formação de uma sociedade inclusiva. Ao analisar esse cenário, este trabalho busca demonstrar como o futebol, articulado com o museu e a educação, pode se tornar um vetor crucial para a promoção de uma educação antirracista, capaz de transformar não apenas indivíduos, mas também as estruturas sociais em que vivemos.

2 Territórios do futebol: gênero, raça e classe

O futebol é matéria constante que entrelaça culturas nacionais e mundiais, manifestadas com particularidades identitárias que agem sobre sentimentos, narrativas e coletividades. A compreensão sobre o futebol e suas possíveis relações é abrangente, partindo de análises físicas e simbólicas, sob a perspectiva de uma memória coletiva manifestada intra e extra campo de futebol. Em vista disso, observa-se a constituição de um espaço de discursos culturais que perpassam o tempo presente, mas descendem de um percurso histórico-narrativo fundado sob modelo europeu: branco, hétero e masculino (FATUMA, 2023).

Esse percurso funda uma realidade tangível sobre o futebol brasileiro e suas possibilidades de debate, isto é, há marcas relacionais que afetam o processo estrutural do desporto brasileiro em sua gênese e desdobramentos. Desta maneira, instaura o desenvolvimento de uma realidade que perpassa sobre violências e discriminações, que vitimam experiências e vivências de grupos específicos dentro da sociedade, observando as

limitações direcionadas ao espaço social ocupado pelas individualidades e pelas identidades. Diante da compreensão de Wittig (2022, p. 49), a determinação da ideia da mulher enquanto classe social sustenta uma visualização categórica sobre a apresentação do valor do gênero enquanto instrumento de análise. Com isso, observa-se a relação gênero-futebol na formulação do futebol e seus territórios, perpassando por territorialidades simbólicas e físicas.

De acordo com Clímaco (2012), o futebol é ocupado e marcado por homens e, conseqüentemente, pela masculinidade. Logo, a construção dessas imagens e da representação no futebol conduzem um comportamento que é atravessado por um processo particular envolto de controle e disciplinamento dos corpos (LOURO, 2018). Essa condição social presente na relação intra e extra campo parte, justamente, da gênese e da chegada do futebol no território brasileiro. Entende-se que o processo de chegada do desporto no Brasil ocorreu sob influência inglesa, atingindo distintas partes brasileiras de formas diferentes.

Com isso, os territórios do futebol são marcados por uma relação geográfica e, conseqüentemente, cultural e identitária de suas regiões. Isto é, a chegada do futebol por Charles Miller e Oscar Cox na região sudeste e por Zuza Ferreira na região nordeste atinge a sociedade de formas distintas, apesar de idealizado e formado para as elites sociais de cada localidade (SANTOS, 2009). Nessa constituição, existe uma ambiência que cria e desenvolve a conexão do futebol na Inglaterra, porém que se manifesta de modos distintivos em relação a sua chegada, permanência e continuidades. Sobre isso, entende-se que

em seu caminhar, o futebol, que foi em seus tempos iniciais, uma prática “civilizada”, uma das representações dos modos e hábitos da elite, foi também, ao mesmo tempo, uma prática a ser combatida, uma prática “incivilizada”, quando jogado por populares. Se o futebol, em seu princípio, foi um modo de “educar” o povo com hábitos “civilizados”, foi também, logo adiante, apropriado e ressignificado pela população mais simples, passando a ser um dos seus interesses culturais e assim, praticado de formas mais espontâneas no Rio de Janeiro e em Salvador (ROCHA JÚNIOR, 2019, p. 17)

Logo, ao perceber o espaço social e histórico do Nordeste, consegue-se entender as influências das estruturas colonialistas vigentes no Brasil que atingem o aspecto das sociabilidades e das categorias de gênero, de raça e de classe. Nesse momento, o futebol atinge territórios simbólicos, que percorrem a memória, a cultura e a identidade, trazendo atributos do percurso que envolvem tempo e espaço da prática futebolística no país. Isto posto, visualiza-se um processo de inviabilização de sujeitos sociais (mulheres, negros, LGBTQIA+, pobres) e, diante disso, entrelaça-se com a perspectiva discutida por Catela (2001), em que os desaparecimentos de indivíduos está conectada com o processo de formação de uma memória e de uma nação.

Esses desaparecimentos de sujeitos, enquanto expressão de individualidades e de coletividades, perpassa sobre a opressão da identidade, condicionada por um sistema de representação cultural que formam “cistemas” que reestruturam a nossa sociedade aos moldes de uma perpetuação de uma vertente racista, sexista e patriarcal (FATUMA, 2023). Os territórios do futebol, assim, manifestam-se sobre uma vertente de um trânsito social e de memória, verificando e constituindo alicerces que performam sobre a relação de gênero, de raça e de classe.

O simbolismo que perpassa pelo espaço físico transita no futebol e na formulação de seus territórios, compreendendo as possibilidades tangíveis de análises que perpassam por uma constituição intra e extra campo de futebol. Em via disso, compreende-se às urgências de

discussão e de ampliação de possibilidades no processo de inclusão de grupos dissidentes no debate e no pertencimento no futebol.

3 Educação, esporte e uma transformação na sociedade

Os alicerces da sociedade movimentam-se em torno de estruturas que ditam a forma que as pessoas desempenham suas expressões sociais. Com isso, categorias como gênero, raça e classe são determinantes para a perpetuação ou o rompimento de estigmas latentes do âmbito social. Há condições que permitem a reflexão sobre essas estruturas da sociedade, uma delas é o pensamento sobre a relação educação-esporte para compreender a influência sobre a perspectiva de mudanças sociais. Assim, parte-se da ideia de que a sociedade é transformada por um regimento social e político que recai sobre a educação elencada a outros atributos pertencentes ao meio.

A educação está dentro de uma perspectiva para promoção da possibilidade de que todos sejam hábeis a aprender (hooks, 2017). Apesar disso, observa-se a educação para com a sociedade, compreendendo suas possíveis relações com inúmeros processos, tal como, uma ação de instrumentalização que atinge negativamente o fazer educacional. Sob uma perspectiva tradicional, há a dominação de uma conjuntura que visa a sustentação de branquitudes, sexismos e racismos que atingem a sociedade e a educação incisivamente (hooks, 2017).

De acordo com Freire (2021, p. 96), “a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que [...] implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento”. Ao correlacionar as ideias postas por Hooks e por Freire, é possível inferir que há um dinamismo envolvido por tendências sociais replicantes. Nessa perspectiva, as estruturas sociais determinadas por um passado histórico regido pelo colonialismo detêm alicerces formados por bases racistas, sexistas e patriarcais. Dessa maneira, a educação brasileira é dominada por uma conjuntura de continuidade de um sistema limitante em gênero, raça e classe, submetendo múltiplas identidades ao silenciamento.

Em meio a isso, verifica-se uma tendência de replicar um discurso de subserviência de grupos dissidentes à normativa cisheteropatriarcal (FATUMA, 2023, p. 31), que incide sobre o aparelhamento educacional. Conforme descrito por Louro (2018, p. 20-21), existe um mecanismo de investimento escolar para produzir homens e mulheres “civilizados”, mediante um processo de disciplinamento dos corpos. Com isso, circunscreve-se uma performance social que dita regras sobre os modos de ser e de agir, submetendo à exclusão grupos desencaixados dessa normativa estipulada sobre a sociedade. Existe, assim, um condicionamento que transpassa a educação brasileira mediada pelo colonialismo e as imposições europeias sobre a cultura social brasileira. Essa observação sobre a conjuntura nos permite entender que existem tendências continuadas através da educação, porém, que podem ser também transformadas pela própria educação.

Essa realidade atinge outros parâmetros da sociedade, um deles é o esporte. Entende-se que o esporte subscrito aos processos sociais também responde às determinações de gênero, de raça e de classe, ou seja, é regido pelo sistema branco-cisheteropatriarcal. Logo, o discurso que envolve o espaço da prática do esporte é dotado de cerceamentos das práticas intra e extra campo desportivo, isto é, envolvendo esportistas, bem como torcedores, jornalistas e corpo social. Com isso, é visível como a educação desenvolveu a perpetuação de pensamentos limitantes que atingem também a esfera desportiva no Brasil.

Ao observar a história brasileira, entende-se essa transferência entre política, educação e esporte no sentido de perpetuar preconceitos correspondentes a gênero, raça e classe. Com o Decreto-Lei 3.199, de 1941, verifica-se a segregação da prática desportiva por mulheres, sob alegação de incompatibilidade com a natureza da mulher, além disso, com a Lei do Amadorismo, de 1917, que trazia uma proibição velada de negros no futebol. De acordo com Camargo (2021, p. 35), “o esporte é uma instituição segregadora de gêneros”, mas também de raça e de classe. A forma como essa realidade transfere sobre a perpetuação de preconceitos é preocupante, se observado o tempo presente e a insistência sobre práticas limitantes entre homem e mulher, brancos e negros, ricos e pobres.

Apesar disso, é possível visualizar um potencial inegável na relação educação-esporte, no que confere às sociabilidades e à prática da liberdade permeada pela relação. Ao observar o fator do Direito ao Esporte, percebe-se a divisão em três pilares: o Esporte-Educação, o Esporte-Lazer e o Esporte de Desempenho (TUBINO, 2010). O primeiro está voltado ao fator da cidadania, dividido em dois pontos: esporte educacional e esporte escolar (TUBINO, 2010). Na íntegra do movimento do esporte, há a referência sobre a relação social por meio da construção e prática que constituem sobre a formação da criança e do adolescente que ancoram a evolução da sociedade. Nesse sistema, é possível perceber que, diante da condição de desenvolvimento de uma realidade que articule a formação educacional e esportiva para o avanço de competências e de habilidades sociais em crianças e adolescentes, há um potencial transformador no processo de inclusão social e de dissolução de preconceitos.

3.1 Educação, Esporte e Museu

Perceber a relação entre Educação e Esporte movimentava possibilidades sociais, em que se permite o discurso sobre práticas inclusivas, mas também sobre processos sociais abrangentes. Diante disso, pode-se pensar a relação educação-esporte de inúmeras formas, como projetos sociais em comunidades periféricas e atividades escolares, a fim de produzir e replicar sobre a vida de crianças e adolescentes a perspectiva sobre a cidadania, direitos e deveres. Porém, também é possível apropriar do espaço físico e digital, permitindo a produção de interesses e de conhecimentos, intercalando a relação educação-esporte através dos museus.

Na visão de Hooper-Greenhill (2007), enrijeceu-se sobre os museus uma determinação simbólica autoritária e repressiva, porém, que foi adequada aos fatores da pós-modernidade, alterando suas práticas e centralizando sua função social. De certa forma, essa alteração perpassa sob uma perspectiva de transição entre um modelo tradicional para adequação a uma sociedade tecnológica, apropriando de novos elementos de interpretação e de interação entre público, narrativa e museu. Isso porque, inegavelmente, há uma dinâmica inerente ao espaço museal que precisa ser observada, figurada na reflexão sobre os corpos que transitam e os símbolos que são perpetuados através dos museus. A perspectiva de Vergès (2023) aponta que

As pessoas vão ao museu para se cultivar não apenas numa história eurocentrada da arte, mas também numa disciplina da visão e do corpo. O museu é visitado em silêncio, com recolhimento próprio de certa concepção da recepção da beleza conveniente à cultura burguesa. O museu é também um centro comercial, um local importante de turismo, um espaço de hierarquia social, de gênero e raça, no qual a norma é a propriedade privada e nacional. O museu universal serve como símbolo para todos os Estados, liberais e autoritários, de sua contribuição para a educação da humanidade (VÈRGES, 2023, p. 83).

Logo, há uma consideração sobre como existem símbolos que perpetuam narrativas históricas que condicionam o pensamento de uma nação. O museu está envolto de representações de uma realidade que está circunscrita a uma imagem específica da sociedade, condicionando a perpetuação de expressões limitantes de gênero, raça e classe. Por detrás dessa concepção infere-se sobre o papel educacional subscrito sob uma construção envolvida pelo disciplinamento de corpos.

Segundo argumenta Freire (2021), é necessário “assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto”, envolvendo assim uma diretriz de conhecimento que imbrica sobre a necessidade de enxergar-se sobre aquilo que se analisa. E, de certo modo, ao observar essa construção é visível uma distinção entre a visão e a prática do museu no tempo presente, pois afasta-se da representação e perpetua-se um “status de ícones de uma civilização superior, estampados infinitamente em livros didáticos [...] tornaram-se inseparáveis da narrativa ocidental” (VÈRGES, 2023, p. 83). Em meio a isso, verifica-se a compreensão do Museu do Futebol (SP), enquanto um ambiente que - mediante uma reformulação - de missão, visão e valores, atinge uma perspectiva disruptiva sobre os manifestos apresentados na narrativa do espaço museal. Encontrando, assim, um aparelhamento entre o potencial do esporte e da educação através de agentes de mediação, como espaços museais.

O Museu do Futebol, inaugurado em 2008 e reformulado em 2024, apresenta como missão a comunicação das expressões históricas e culturais, permeando uma educação empática e inclusiva, apresentando valores como a ética e a inclusão. Essa constituição, estende-se para além do espaço físico, permitindo a compreensão e a divulgação sobre a relação esporte e história para toda a sociedade brasileira por meio de exposições virtuais realizadas via *Google Arts & Culture*. Como temática específica deste espaço museal, busca-se apresentar a história do futebol no Brasil, perpassando sobre aspectos originários, culturais e identitários que formam e são cruciais para a compreensão do Brasil.

O espaço virtual do Museu do Futebol apresenta um total de 22 exposições virtuais, exaltando, também, temas como a história do futebol nacional, cultura e identidade brasileira através do futebol, destacando questões de gênero, raça e classe. Por meio do Museu do Futebol, é possível a divulgação da relação educação-esporte sobre o nicho digital, em que educadores apresentam a possibilidade de percorrer as imagens sociais do futebol e sua capacidade de disseminação pluricultural do Brasil em todo o território brasileiro. Com o recurso das exposições virtuais, mas também podcasts informativos sobre a história do futebol, compreendendo as diversidades dos futebolís, entende-se um potencial imagético transgressor a ser desempenhado na educação.

Quadro 1 – Exposições online do Museu do Futebol (2013-2023)

Nome da Exposição	Ano	Tema/Eixo
O jogo e o povo: as origens do futebol no Brasil	2013	Futebol nacional/Cultura
Futebol de papel: A paixão pelo futebol em relíquias de papel	2013	Patrimônio/Cultura
Mário Américo: o massagista das seleções	2014	Futebol de homens/raça
Visibilidade para o futebol feminino	2015	Futebol de mulheres/gênero

Chuteiras: a evolução do futebol na ponta dos pés	2017	Patrimônio/Cultura
Estilo em Campo: Acessórios, cores e tecnologias na moda do futebol	2017	Patrimônio/Cultura
A História da Camisa Canarinho: Como o amarelo-ouro passou a vestir o Brasil	2017	Patrimônio/Cultura
A Seleção em Poços de Caldas	2018	Futebol de homens
Mulheres, desobediência e resiliência	2019	Futebol de mulheres/gênero
Lea Campos, a primeira árbitra	2019	Futebol de mulheres/gênero
A Michael Jackson: os primeiros chutes	2019	Futebol de mulheres/gênero e raça
A Michael Jackson: “livre” para jogar	2019	Futebol de mulheres/gênero e raça
A Michael Jackson: Seleção Brasileira e Europa	2019	Futebol de mulheres/gênero e raça
A Michael Jackson: o legado	2019	Futebol de mulheres/gênero e raça
Pacaembu, o estádio monumento	2020	Patrimônio/Cultura
Rumo à Copa de 1970: de São Paulo ao México a Bordo de um fusquinha	2020	Futebol de homens
Memórias da Copa de 1970	2020	Futebol de homens
1982: os 40 anos da Seleção dos sonhos	2022	Futebol de homens
Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+	2022	Diversidade/gênero
Tempo de Reação - 100 anos do goleiro Barbosa	2022	Futebol de homens
Futebol de brincar, futebol de colecionar	2023	Patrimônio/Cultura
Primeiro mundial de mulheres na China	2023	Futebol de mulheres/gênero/raça

Fonte: Elaborado pela autora²

Diante de uma perspectiva que relaciona futebol, museu e educação, é preciso observar o lugar que as imagens – sob um diálogo que envolve o campo histórico, cultural e identitário – apresentam na formação de discursos e de narrativas de uma consciência histórica. Segundo argumenta Bergmann (1976 apud RÜSEN, 2016, p. 121) há uma correlação entre a escola, a ciência, a cultura histórica e a cultura da memoração que incide sobre a didática do ensino de história. Assim, futebol-museu-educação perpassa por um processo de criação de atividades sociais e didáticas que comunicam a visualização de experiências e de vivências que incidem sobre a representação e a inclusão de debates de gênero, de raça e de classe.

4 Futebol, museu e educação antirracista: uma mudança de horizontes

A educação antirracista no Brasil e a compreensão da necessidade de exaltação de discursos decoloniais, que permitam o debate sobre a cultura e a identidade do negro no nosso

² Elaboração baseada em exposições virtuais do Museu do Futebol disponíveis online no site do museu e no Google Arts & Culture (2024)

país, aparecem como cruciais no percurso discursivo sobre inúmeros pontos na conjuntura social atual. Esse debate surge da necessidade urgente de revisitar e reavaliar a história do Brasil, marcada por um processo de colonização violento e excludente, como já posto anteriormente. A herança colonial, marcada pela opressão de raça, gênero e classe, estabelece hierarquias que atingem diferentes cenários e alicerces sociais, como a educação e o esporte. Em vista disso, segue-se a compreensão sobre o racismo enquanto sistema que age sobre a sociedade, promovendo organização e hierarquização de categorias como gênero e classe (GROSFOGUEL, 2023, p. 59)

A colonização não apenas implantou um sistema econômico exploratório, mas também impôs uma visão de mundo eurocêntrica que marginalizou as culturas e os conhecimentos originários das populações negras e indígenas. Essa marginalização, além de perpetuar a exploração econômica, reforçou estereótipos raciais e de gênero que continuam a moldar as relações sociais no Brasil que, conseqüentemente, atingem a prática desportiva nacional e local. Assim, a educação antirracista envolve questões de gênero e de classe, socialmente estabelecidas na nossa sociedade, permitindo a interseção e o reforço sobre essa realidade. Logo, ao não ser compreendida isoladamente, mas sendo atravessada por formas de opressão, figura-se sobre uma abordagem múltipla.

Nesse contexto, o compromisso de construir uma educação antirracista deve ser entendida como um processo contínuo de desconstrução das narrativas coloniais e de reconstrução de uma memória coletiva que valorize as contribuições históricas, culturais e sociais da população negra. Esse tipo de educação é fundamental não apenas para combater o racismo em suas várias formas, mas também para promover a justiça social de maneira mais ampla. Para que essa transformação ocorra, é necessário questionar as formas tradicionais de ensino e buscar metodologias que integrem as experiências e saberes das populações marginalizadas, permitindo uma visão mais ampla e inclusiva da história e da sociedade, surgindo assim o espaço do museu, enquanto ambiente de ressignificação intra e extra limites museais.

Os museus, como o Museu do Futebol, desempenham um papel central nesse processo, servindo como espaços de mediação entre o passado e o presente, entre diferentes visões de mundo e entre diversas experiências vividas, considerando ambiente de informação e de inclusão (CHALHUB, 2014, p. 329). Ao trazer exposições virtuais que integrem uma mudança de horizontes narrativos, ocorridas no trato sobre histórias dos jogadores negros, suas lutas contra o racismo, e suas contribuições para o esporte são recontadas de maneiras que desafiam as narrativas dominantes, que muitas vezes excluem ou minimizam essas vivências. Além disso, ao abordar a interseção entre futebol, gênero e raça, o museu abre espaço para a tradução de experiências que são frequentemente marginalizadas, como as das mulheres negras no esporte, cujas vozes e histórias têm sido historicamente silenciadas.

No ambiente online, o Museu do Futebol tem a oportunidade de alcançar um público ainda mais amplo e diversificado, incluindo pessoas que, de outra forma, não teriam acesso a esse tipo de espaço educativo. De acordo com a apuração das exposições virtuais, apresentadas no Quadro 1, a abordagem da relação entre futebol e raça, representando 27,3% do total, e aquelas que exploram a interseção entre futebol, gênero e raça, abrangendo 45,5%, refletem um compromisso com a tradução de experiências complexas e interseccionais. Elas permitem que essas narrativas sejam acessíveis a um público mais amplo, promovendo uma educação que vai além das barreiras físicas e sociais.

Nesse sentido, o Museu do Futebol não é apenas um local de exibição de objetos históricos, mas um espaço ativo de tradução cultural, envolventes de poder, cultura e

diferenças (HALL, 2016, p. 48), em que as distintas experiências e vivências podem ser integradas e reinterpretadas à luz de uma educação antirracista. Esse processo é essencial para a construção de uma memória coletiva que seja verdadeiramente inclusiva, capaz de refletir a diversidade das experiências vividas no Brasil e de reconhecer as contribuições daqueles que foram historicamente marginalizados.

No contexto do Museu do Futebol, envolve-se uma reavaliação crítica das narrativas hegemônicas que têm dominado a história do esporte no Brasil. Isso implica questionar as formas como o futebol tem sido representado nas mídias e nos discursos populares, que frequentemente perpetuam estereótipos raciais e de gênero, e substituí-las por narrativas que celebrem a diversidade e a resistência, tal qual é observado no espaço virtual do museu, assim como, percebido na reformulação da expografia histórica em 2024. Ao fazer isso, o museu contribui para uma educação que não apenas combate o racismo, mas também promove uma visão decolonial do esporte e da sociedade, onde as vozes e experiências de todos os grupos são valorizadas e respeitadas.

Além disso, através do trâmite envolvendo o Museu do Futebol oferece-se uma oportunidade única para conectar a educação formal e informal. Ao integrar as exposições e atividades do museu com o currículo escolar, os educadores podem utilizar esses recursos para enriquecer o ensino de história, cultura e sociedade, proporcionando aos alunos uma visão mais completa e crítica do Brasil. Esse tipo de educação, que é ancorada em uma perspectiva antirracista e decolonial, ajuda a formar cidadãos mais conscientes e engajados, capazes de reconhecer e combater as injustiças sociais em todas as suas formas.

5 Considerações finais

A educação antirracista no Brasil e a compreensão da necessidade de exaltação de discursos decoloniais surgem como essenciais para revisar e reavaliar a história e as práticas sociais. A colonização deixou um legado de opressão racial, de gênero e de classe, que moldou profundamente a sociedade brasileira. Essa herança colonial não só implantou um sistema econômico exploratório, mas também promoveu uma visão eurocêntrica que marginalizou as culturas e os saberes das populações negras e indígenas. Esse processo de marginalização perpetua estereótipos e desigualdades que ainda hoje afetam a educação e o esporte, tornando crucial a integração da educação antirracista como um meio de transformação social.

No Brasil, a necessidade de uma educação que questione e interprete essas narrativas históricas é urgente. Isso implica a construção de uma abordagem educativa que não apenas reconheça, mas também ativamente desafie as normas e práticas que perpetuam a desigualdade. O futebol, como uma prática cultural profundamente enraizada, oferece um campo fértil para essa transformação. O esporte, tradicionalmente visto como uma arena de competição e entretenimento, tem o potencial de ser um agente significativo de mudança social. Ao utilizar o futebol como uma lente para examinar questões de gênero, raça e classe, a educação antirracista pode promover uma maior conscientização e inclusão.

O Museu do Futebol, com sua reformulação e foco em uma educação inclusiva e antirracista, exemplifica como as instituições culturais podem desempenhar um papel crucial nesse processo. Inaugurado em 2008 e reformulado em 2024, o museu tem adotado uma missão de promover uma educação empática e inclusiva, utilizando o futebol como uma plataforma para examinar e debater a diversidade cultural e social do Brasil. Através de

exposições virtuais e eventos educativos, o museu não só preserva a história do futebol, mas também promove uma reflexão crítica sobre questões de gênero, raça e classe.

Essa abordagem do Museu do Futebol destaca a importância de reconfigurar espaços culturais como agentes de transformação social. Ao oferecer exposições que abordam a diversidade no futebol e a inclusão de grupos historicamente marginalizados, o museu contribui para a construção de uma narrativa mais abrangente e inclusiva. O uso de recursos digitais e virtuais amplia o alcance e a acessibilidade dessas discussões, permitindo uma educação mais ampla e engajada.

Portanto, a articulação entre futebol, museu e educação se revela como uma tríade poderosa para a promoção da justiça social e da inclusão. O futebol, enquanto fenômeno cultural e social, e o museu, como espaço de preservação e reflexão, têm a capacidade de fomentar uma educação antirracista que desafie as estruturas opressivas e promova a mudança. A educação, mediada por esses elementos, não apenas proporciona uma oportunidade para reimaginar as narrativas sociais, mas também para construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

Neste contexto, a mudança de horizontes que buscamos não é apenas sobre revisar o passado, mas também sobre transformar o presente e o futuro. Através de uma abordagem integrada que considere as dimensões culturais, sociais e históricas do futebol e dos museus, é possível promover uma educação que não apenas informe, mas que também inspire e mobilize para a ação. A construção de uma sociedade mais inclusiva e justa depende da nossa capacidade de reconhecer e enfrentar as desigualdades estruturais, e o futebol, a educação e os museus têm um papel fundamental nessa jornada.

Referências

CAMARGO, Wagner. **Leituras de gênero e sexualidade nos esportes**. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

CATELA, Ludmila da Silva. **Situação-Limite e Memória**. São Paulo: Hucitec/ANPOCS, 2001.

CHALHUB, Tania. Acessibilidade a museus brasileiros: reflexões sobre a inclusão de surdos. **Revista Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.7, n.2, p. 328-344, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/319/319>. Acesso em: 27 ago. 2024.

CLÍMACO, Danilo. Fútbol, hipermasculinidad y colonialidad del poder. Reflexiones sobre el asesinato de género perpetrado por el capitán del flamenco. **Revista Kula - Antropólogos del Atlántico Sur**, n. 6, 2012. Disponível em: <https://www.plarci.org/index.php/kula/issue/view/140/78>. Acesso em: 30 ago. 2024.

FATUMA, Dedê. **Lesbiandade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2023

FOUCAULT, Michel. Verdade e Poder. *In*: FOUCAULT, Michel; MACHADO, Roberto (org.). **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2012. p. 1-14.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários e práticos**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

GROSFOGUEL, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón. **Deconolianidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

HALL, Stuart. Diásporas, ou a lógica da tradução cultural. **Matrizes**, São Paulo, v. 10, n. 3, set-dez, 2016.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. **Museums and Education: purpose, pedagogy, performance**. Routledge: New York and London, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón. **Deconolianidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **Nem ao centro, nem à margem: corpos que escapam às normas de raça e de gênero**. Salvador: Editora Devires, 2020.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da. Do Rio de Janeiro a Salvador: um estudo comparado do Futebol. **RBF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 11, n. 42, p. 14-22, 5 fev. 2019. Disponível em: <https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/696>. Acesso em: 29 ago. 2024.

RÜSEN, Jorn. Narração histórica: fundações, tipo, razão. *In*: MALERBA, Jurandir (Org.). **História & Narrativa: a ciência e a arte da escrita histórica**. Petrópolis: Vozes, 2016.

SANTOS, Henrique. Entre negros e brancos: considerações sobre a formação da cultura futebolística em Salvador, 1901-1920. **Revista de História do Esporte**, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <https://web.p.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=1&sid=4b63302e-0052-4589-91cd-4d044d0d420c%40redis>. Acesso em: 29 ago. 2024.

TESTONI, Marcelo. Primeira vítima de homofobia registrada no Brasil foi índio morto em 1964. **Uol**, 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/01/indio-tupinamba-lgbt-foi-a-primeira-vitima-de-homofobia-no-brasil.html>. Acesso em: 7 out. 2021.

TUBINO, Manoel. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010.

VERGÈS, Françoise. **Descolonizar o museu**: programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

WITTIG, Monique. **O pensamento heterossexual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Contribuições da autoria

Julia Beatriz Silva Vicente Chaves: Conceitualização, Organização, Interpretação e Análise de Dados, Investigação, Metodologia, Redação.

Data de submissão: 31/08/2024

Data de aceite: 22/10/2024